

CAPITALISMO, INIQUIDADE SOCIAL E PANDEMIA: REFLEXÕES A PARTIR DA EPIDEMIOLOGIA CRÍTICA DE JAIME BREILH¹

Kleiton Wagner Alves da Silva Nogueira²

INTRODUÇÃO

Desde que a pandemia de Covid-19 foi anunciada no início do ano de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) o mundo passou a vivenciar as dificuldades no enfrentamento de um problema de saúde de ordem global. Não foram raros os casos de sistemas de saúde e funerários que entraram em colapso. As imagens de corpos em estado de decomposição, ou colocados na rua em cidades como a de Guayaquil, no Equador, revelaram a tragédia anunciada que o pensamento crítico já denunciava. Tais elementos nos indicam que a pandemia não é meramente um fato biológico, que teve como demiurgo a proliferação de um vírus, pelo contrário, ela é produto de uma totalidade, de um conjunto social, biológico, econômico e político engendrado pela forma como temos nos organizado em sociedade. Se a superficialidade existente nas análises acerca da pandemia de Covid-19 promove uma visão fragmentada e cartesiana, é imperativo o aprofundamento de uma discussão que reflita acerca da forma como estamos nos organizando em sociedade, especialmente no capitalismo e na estruturação de uma dinâmica de vida regulada pelo lucro e produção de mais-valia.

Desse ponto de vista, quando pensamos na América Latina, região marcada por iniquidades sociais e pelo avanço do neoliberalismo, é possível identificar a produção de um pensamento crítico voltado à reflexão da saúde coletiva, e que tem questionado a relação existente entre modo de produção e saúde. Nesse âmbito reflexivo encontramos as análises realizadas pelo médico equatoriano Jaime Breilh, destacado intelectual latino-americano que desde a década de 1970 tem lançado críticas à metodologia, epistemologia e conhecimento no campo da saúde. Breilh é professor de pós-graduação da Universidade Andina Simón Bolívar no Equador, e professor visitante no doutorado em Medicina Social e Epidemiologia, e nas universidades da Califórnia (San Diego e Berkeley) e Michigan, dos Estados Unidos. Sua experiência profissional e acadêmica tem trazido ao debate a necessidade de pensarmos uma

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estado e Luta de Classes na América Latina (PRAXIS). Email: kleiton_wagner@hotmail.com

epidemiologia que supere a superficialidade dos fatos, ou como na linguagem marxista se costuma colocar: a aparência dos fenômenos.

Tendo por base essas considerações, o presente trabalho busca a partir do pensamento de Jaime Breilh, realizar uma reflexão acerca de categorias como iniquidade social e determinação social do processo saúde-doença para pensarmos a pandemia de Covid-19 no mundo. Esse esforço se justifica pelo fato de, em meio às interpretações que tentam analisar a pandemia por um viés cartesiano e superficial, trazer ao debate acadêmico o pensamento crítico latino-americano em saúde.

Para o alcance desse objetivo lançamos mão da leitura de obras do autor, a exemplo dos livros: *Epidemiologia: economia, política e saúde* de 1979; *Investigação da saúde na sociedade: guia pedagógico sobre um novo enfoque do método epidemiológico* de 1989 e *Epidemiologia Crítica: ciência emancipadora e interculturalidade* de 2003, além de artigos publicados em periódicos acadêmicos e *lives* realizadas na internet. Em termos de exposição de nossa reflexão o presente trabalho apresenta, além dessa introdução e conclusão, um total de quatro partes a saber: i) objetivos, no qual explicitamos o objetivo de nosso estudo; ii) método, no qual elencamos o percurso que utilizamos para apreender o pensamento de Jaime Breilh; iii) resultados, nessa parte específica subdividimos a exposição de modo a trabalharmos as categorias principais que encontramos no pensamento de Breilh a partir de nossa leitura e interpretação.

OBJETIVOS

O presente estudo busca a partir do pensamento de Jaime Breilh realizar uma reflexão acerca de categorias como iniquidade social e determinação social do processo saúde-doença para pensarmos a pandemia de Covid-19 no mundo

MÉTODO

Para o alcance de nosso objetivo realizamos um levantamento bibliográfico junto a periódicos acadêmicos e livros do professor Jaime Breilh. Também fizemos uso do sítio eletrônico <http://jaimebreilh.com/> que concentra a produção intelectual do autor, além do indexador de artigos *Google Scholar*³ que nos permite o acesso aos artigos mais citados pela

³ Cf. https://scholar.google.com/citations?hl=en&user=FrtyS2IAAAAJ&view_op=list_works&sortby=pubdate. Acesso em: 17 Ago. 2021.

comunidade acadêmica, além de organizar essas produções por ano. Com o constructo desse *corpus* bibliográfico, fizemos a leitura e interpretação textual no sentido de abstrair o pensamento crítico do autor de modo a realizarmos um diálogo com a pandemia de Covid-19 através das categorias de iniquidade e determinação social do processo saúde-doença.

RESULTADOS

Nessa parte dos resultados dividimos nossa exposição em dois subtópicos. O primeiro, traz uma discussão sobre o pensamento mais geral de Jaime Breilh, de modo a caracterizarmos sua concepção acerca da epidemiologia crítica. No segundo momento, que está vinculado ao primeiro, tratamos de abordar as categorias de determinação social do processo saúde-doença e iniquidade como uma forma de relacionarmos com o fenômeno da pandemia de Covid-19.

Jaime Breilh e a necessidade de um pensamento crítico na saúde coletiva

Seria o processo saúde-doença um elemento meramente biológico, preenchido de conteúdos associados ao campo dos riscos à saúde e dos modos de adoecer, ou o fato de vivermos em sociedade, sob a determinação de um modo de produção específico, que formaria a base desse processo? Segundo Breilh e Granda (1989) a relação saúde-doença se materializa nos corpos dos indivíduos, afeta grupos populacionais e se expressa numa coletividade. Esse fato implica a necessidade de prestarmos atenção não apenas no elemento fisiológico e biológico da saúde, mas também na dimensão social, histórica, econômica e política. No âmbito do conhecimento científico os paradigmas elaborados, a exemplo do positivismo, surgiram numa determinada época a partir dos anseios sociais e de pesquisadores ligados, sobretudo, aos interesses da frações da classe dominante no capitalismo. No campo da saúde, o positivismo, segundo Breilh e Granda (1989) aparece como uma forma de adequação às necessidades de reprodução do capital. Dessa forma, ocorreu uma centralidade na esfera biologicista e física dos processos de saúde. Mesmo com os estudos nos anos 1930 e 1940 elaborados por Henry Ernest Sigerist acerca da medicina social, tal produção não conseguiu ser hegemônica ao ponto de se contrapor ao pensamento funcionalista e cartesiano que não considera os conflitos de classe e o modo de produção capitalista.

Na busca de superar essa visão, Breilh (1991) vai problematizar, com base no materialismo histórico-dialético, acerca da necessidade de um pensamento que considere as condições de saúde e doença não como meros efeitos causais, mas como produto de um

complexo de determinação fatores associados as distintas formações econômicas-sociais. Para esse autor, é preciso ir além das causas, sejam elas vistas sob um manejo unicausal ou multicasual, para que se possa avançar no sentido de entender, explicar e superar a visão fragmentária que não considera o modo de produção capitalista como elemento basilar para compreensão do processo saúde-doença. Com base nesse diagnóstico Breilh vai direcionar sua investigação para a superação do modelo cartesiano, que se prende apenas aos fatores existentes no “pico do iceberg”, ou seja, na superficialidade dos fatos, sem com isso, conseguir fazer conexões no marco da totalidade de um determinado modo de produção e de uma formação econômico-social específica. Com isso, o autor não desconsidera os avanços da microbiologia, estatística e da epidemiologia clínica focalizada em fatores de risco, mas, busca lançar mão da dialética para avançar com esses conhecimentos de modo a produzir constatações e modos de pensar uma prática epidemiológica crítica. Para isso, coloca em debate categorias como determinação social do processo saúde-doença e iniquidade social como veremos no subtópico a seguir.

Determinação social do processo saúde-doença e iniquidade social

Ao se aprofundar na discussão do processo saúde-doença, Jaime Breilh apresenta categorias profícuas para pensarmos os problemas que afligem a saúde coletiva. Uma dessas categorias seria a determinação social do processo saúde-doença. Breilh (1991) destaca que a reprodução social, o modo de produção em que se vive numa época histórica, juntamente com o movimento biológico, condições naturais e ambientais, influenciam na determinação social do processo saúde-doença. Desse modo, não se trata de individualizar, fragmentar e atomizar em “determinantes” sociais, mas entender que no processo de subsunção, o geral se apresenta no particular, e vice-versa. Esse olhar dialético busca resgatar o marco da totalidade, sem perder de vista as especificidades locais. Para esse intelectual, a vida e a própria possibilidade da saúde se materializa através das determinações estruturais. Desse modo, salienta que a saúde não é unicamente individual-subjetiva-contingente, e muito menos coletiva-objetiva-determinada, mas é uma construção dialética, um devir formado por processos individuais e coletivos que se articulam de forma mútua.

Ao retomar o pensamento marxiano, Breilh (2006) coloca em evidência o modo como nos organizamos em sociedade, e a necessidade de prestarmos atenção na economia política para o entendimento das contradições existentes no modo de produção capitalista. Para o autor, a determinação social do processo saúde-doença diz respeito a uma concepção

materialista, considerada a partir da concretude dos processos sociais, econômicos, políticos, biológicos e econômicos. Destaca que as condições de vida são coletivamente produzidas, e que nesse processo há relações sociais de produção e de poder que determinam a distribuição da produção social. Ao retomar o pensamento de Marx, destaca que no capitalismo impera a forma-mercadoria, e que o interesse maior daqueles que detém os meios de produção é acumular capital e extrair mais-valia daqueles que são despossuídos. Além disso, Breilh (2006) também destaca que nessa sociedade não há equidade, ou seja, o poder de decidir sobre essa produção é desigual, isso não diz respeito apenas ao poder de controlar a propriedade e o uso das riquezas materiais, mas de definir, expandir e pensar o próprio destino da sociedade. Aqui, a categoria da iniquidade é apresentada pelo autor no sentido de explicitar a apropriação do poder e sua concentração numa determinada classe social. A expressão material que visualizamos do processo da inequidade seria a desigualdade, ou seja, a expressão observável de um contraste concreto existente na realidade.

A partir dessa base de raciocínio, Breilh (2021) ao pensar sobre a Covid-19, destaca que vivemos uma crise múltipla que engloba a perversa determinação social do processo saúde-doença sob à égide do capitalismo, imbricada na constante iniquidade e desigualdade social. Para o autor essa crise é fruto da acumulação de capital que tem promovido o sofrimento humano e da devastação ambiental. Também argumenta que a determinação social da pandemia de Covid-19 não é apenas complexa devida à sua natureza multidimensional, mas, sobretudo, porque seus processos de transformação genômica, de transmissão, capacidade infecciosa são essencialmente sociais, ou seja, um fenômeno bio-natural e socialmente determinado.

CONCLUSÃO

Ao revisitarmos o trabalho podemos identificar que, modo de produção e determinação social do processo saúde-doença estão interconectados. Ao não realizar a crítica à forma como a produção social é concentrada nas mãos de poucos indivíduos através da propriedade privada dos meios de produção, a epidemiologia clínica deixa de considerar a base material da vida, e conseqüentemente a determinação social do processo saúde-doença.

Com a pandemia de Covid-19 esse processo se torna mais nítido, especialmente quando visualizamos a estrutura de classes em formações econômico-sociais como a brasileira e o quantitativo de óbitos concentrados na população preta e parda. Não é segredo que num país de capitalismo dependente, o nível de exploração sobre os subalternos e despossuídos

seja degradante à vida, e se manifeste por meio das carências de ordem material, como a inacessibilidade de saneamento básico, educação, renda, alimentação e moradia. Ao mesmo tempo em que temos esses desafios, é preciso considerar também, em termos de gestão, a forma como o governo federal vem realizando a administração da crise sanitária da pandemia de Covid-19. Um governo de extrema-direita, que tem aplicado a cartilha neoliberal mais senil, e que é declaradamente contra negros, população LGBTQ+, profissionais da educação, índios e mulheres, também é peça constituinte de nossa formação econômico-social, não podendo ser caracterizado como um mero ponto fora da curva, mas que em si, foi gestado por nossa estrutura de classes e pela democracia restrita que vigora no país.

Diante desses apontamentos, pensamos que em pesquisas futuras podemos aprofundar sobre as nuances da política pública de saúde no Brasil, por entendermos que ela também é parte da determinação social do processo saúde-doença. Esse exercício poderá ser realizado através de um viés histórico-crítico, especialmente no tocante a observância da forma como os principais eixos do SUS se estruturaram no decorrer desses trinta anos de existência. Essa tarefa passa certamente pela crítica às produções intelectuais da saúde coletiva que existe no país.

Palavras-chave: Jaime Breilh, Epidemiologia Crítica, Determinação Social do Processo Saúde-Doença, Iniquidade Social, Covid-19.

REFERÊNCIAS

BREILH, Jaime; GRANDA, Edmundo. **Investigação da saúde na sociedade:** guia pedagógico sobre um novo enfoque do método epidemiológico. Tradução de José da Rocha Cavalheiro, et al. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Saúde; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. 1989.

BREILH, Jaime. **Epidemiologia:** economia, política e saúde. Tradução Luiz Roberto de Oliveira. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista; Fundação para o Desenvolvimento da UNESP:HUCITEC, [1979] 1991.

BREILH, Jaime. **Epidemiologia Crítica:** ciência emancipadora e interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MARX, Karl. A mercadoria. In:_____. O Capital: Crítica da economia política. **Livro I: O processo de produção do capital.** Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, [1867] 2013, pp. 113-158.